

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas**

2016

Ficha para a identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma 2016

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio	
Autora: Silvana Alves Barroso	
Disciplina/Área:	Filosofia
Escola de implementação do projeto e sua localização:	Colégio Estadual Barão do Rio Branco
Município da escola:	Londrina
Núcleo Regional de Educação:	Londrina
Professor Orientador:	Dr. Arlei de Espíndola
Instituição de Ensino Superior:	UEL - Universidade Estadual de Londrina
Relação Interdisciplinar:	Português, História e Artes
Resumo:	<p>A dificuldade para a leitura e interpretação dos alunos evidencia a necessidade de novas práticas educativas e metodológicas, que tenham como ponto de partida a perspectiva do aluno. Pois, professores e estudantes precisam mudar a forma que estudam ou se relacionam com o saber, a fim de combater a falta de interesse pela educação, a falta de conexão da filosofia com a vida dos estudantes e a reprodução dos conteúdos. Os estudantes devem tornar-se sujeitos ativos na construção do seu próprio conhecimento, no decorrer do processo de formação do pensamento crítico e criativo. Para superar a falta de interesse pela leitura, pela filosofia e as dificuldades de interpretação, este projeto propõe a aplicação da metodologia da investigação temática proposta por Paulo Freire e a fenomenologia de Karl Jaspers, como meio para problematizar e criar subsídios teóricos, fundamentados na história da filosofia, que possibilitará a construção de argumentos compreensíveis sobre as questões temáticas, formuladas a partir da vida cotidiana, tendo como pano de fundo a condição existencial do ser humano. A prática na sala de aula deverá instigar o aluno a filosofar, e por meio do exercício filosófico da investigação e comunicação, elucidar os conceitos problematizados.</p>
Palavras-chave:	Filosofia; Comunicação; argumentação; Experiência; Problematização do cotidiano;
Formato do Material Didático:	Unidade Didática
Público-Alvo:	Alunos e alunas do 2º ano do Ensino Médio

APRESENTAÇÃO

Esta proposta didática consiste num conjunto de atividades que surge a partir das reflexões realizadas durante o processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). O problema que se coloca no referido projeto é: como vincular o texto filosófico com a realidade e o cotidiano dos alunos? Ou então: como fazer com que haja uma conexão entre a filosofia e a vida propriamente dita, experimentada por eles? Esse esforço de ligação entre teoria e prática servira para despertar o interesse destes últimos em relação ao legado da história do pensamento humano de modo a torná-los passíveis de fazerem-se seres críticos, livres e autônomos.

O objetivo é problematizar e construir com os alunos subsídios teóricos, por meio de intervenções pedagógicas, que revelem simultaneamente, um nexos de temas da realidade dos estudantes com os textos clássicos da História da Filosofia e vice versa. Pretende-se desenvolver atividades que instiguem os alunos a pensar sobre si mesmos, o mundo e a sua relação com o outro sujeito de comunicação, a partir da problematização do cotidiano.

Essa unidade didática aborda quatro etapas: a primeira é a introdução dos estudantes aos conceitos básicos da perspectiva filosófica aplicada no projeto de intervenção pedagógica, o que corresponde à seguinte pergunta: Qual o conceito de filosofia poderá fundamentar a ação dos estudantes do ensino médio para o desenvolvimento da problematização do seu cotidiano e a investigação das questões temáticas elencadas por eles? Para introduzir o aluno no seu cotidiano o segundo encontro dessa primeira etapa será voltado para a pergunta: De que forma a relação com o outro e comigo mesmo muda a minha vida ou a nossa vida? A percepção do alunos da importância do outro abrirá a possibilidade para que ele perceba o mundo da vida como um outro que está aí, com múltiplas manifestações de alegria, sofrimento, inseguranças, justiça, cumplicidade, buscas, certezas e outras.

A segunda etapa corresponde a problematização e a inserção dos alunos na sua realidade a partir da perspectiva do outro. Se na primeira foi abordada a si mesmo na relação com o outro, nessa segunda etapa será abordada a relação do aluno com o saber científico. Aqui o outro, por meio da ciência, é o próprio mundo objetivo. Abrir-se para essa realidade é essencial, a fim de elaborar a questão temática. Pretende-

se que a partir da compreensão analítica da história pessoal e do evento científico que marcou a sua vida, o aluno possa olhar atentamente o seu cotidiano e questioná-lo.

A terceira etapa corresponde à investigação, o rastrear na história da filosofia textos clássicos dos filósofos que pensaram o problema elaborado pelo estudante. A finalidade é que o aluno, munido do repertório acumulado do conhecimento filosófico, possa pensar por si mesmo e construir uma resposta para a questionamento que gerou a necessidade de pesquisa. Para a construção do texto filosófico, será apresentado ao aluno o texto de Immanuel Kant “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?” no intuito de demonstrar como um argumento é construído, para que o aluno possa construir o seu próprio seguindo uma lógica de raciocínio que imprima um certo rigor filosófico.

A quarta etapa é o momento da discussão em sala de aula para que os alunos exponham o seu pensamento fundamentado sobre os temas problematizados. Ao mesmo tempo que os alunos irão expor como fizeram a pesquisa, terão que sustentar um argumento que justifique o seu pensamento, a sua ideia. Após as discussões, os alunos que investigaram as mesmas temáticas, as que são semelhantes ou as que se complementam, irão produzir um texto coletivo, o qual será decodificado em uma representação artística ou literária para ser divulgado no jornal virtual. A socialização dos resultados da investigação é o ponto auge do trabalho realizado em sala e que poderá envolver toda a comunidade escolar.

Durante toda a atividade de implementação, os alunos e alunas serão constantemente convocados para o exercício colaborativo, seja no trabalho em grupo na sala de aula, nas pesquisas, na construção textual, artística ou vídeos por meio dos recursos tecnológicos disponíveis na rede, principalmente o onedrive e google doc.

Os trabalhos colaborativos visam amenizar a excessiva fragmentação do saber na sala de aula, além de levar em consideração o grupo e as particularidades dos sujeitos envolvidas no processo de apropriação significativa do saber e a sua ressignificação conceitual das noções em estudo. Por isso atividades de auto estudo, aprendizagem colaborativa e a prática são importantíssimas para desenvolver a autonomia, a leitura, a interpretação, e a socialização do novo conhecimento formulado pelo aluno individualmente ou em grupo.

Essa forma de trabalhar facilita e fornece informações prioritárias para fazer a avaliação diagnóstica da aprendizagem do aluno e dos encaminhamentos

metodológicos e recursos tecnológicos utilizados pelo professor. Devido a implementação do projeto ser no primeiro semestre, os textos selecionados correspondem ao conteúdo estruturante de ética e a relação ética e política. Segue o roteiro das atividades a serem implementadas com os alunos e alunas do segundo ano do Ensino Médio.

Professor Orientador: Dr. Arlei de Espíndola

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

UNIDADE DIDÁTICA

PRIMEIRA ETAPA

O ATO E A ORIGEM DO FILOSOFAR: A PERSPECTIVA FILOSÓFICA QUE FUNDAMENTA O PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

“O pensamento filosófico deverá ser sempre original. Cada homem deverá realizá-lo por si próprio”.

Karl Jaspers.

PRIMEIRO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

Filosofar é perguntar: uma ação comum a todos

INTRODUÇÃO

O ser humano desde a sua infância pergunta e anseia conhecer, por isso se pode dizer que a filosofia é um saber comum a todos. A filosofia, no entanto, por séculos foi concebida pelos filósofos como um saber de poucos, nem todos os homens estão predispostos para o exercício intelectual. Essa é uma concepção que começou a mudar no século XVIII sendo consumada com Kant, conforme Jaspers: “Kant, porém, acredita que a rota por ele traçada pode tornar-se um caminho real: Por que a

filosofia aí está para todos. E seria mau se fosse diferente” (JASPERS, 2016, p. 142). A filosofia deve popularizar-se, isto é, os conhecimentos filosóficos poderão atingir círculos mais amplos.

A filosofia no mundo das experiências, onde predomina a sabedoria prática, está acessível a todos, pois compreende o aspecto natural da racionalidade humana, enquanto que a filosofia especializada no sentido acadêmico transcende o que é de domínio de todos, pois abrange “o cerne de seus últimos pressupostos”, isto é, o conhecimento metafísico. Da unidade do saber prático e do racional surge a possibilidade, como aspira a razão, de uma ciência filosófica universal.

Uma filosofia que combina o sentido mundano com o sentido acadêmico é sabedoria feita ciência. Tal era o alto significado atribuído pelos antigos ao termo “filosofia”. Esta significava “ensino do conceito em que se deve definir-se o bem supremo e a conduta pelo qual pode-se alcançá-lo. Kant entende que seria bom preservar o antigo significado da palavra. Filosofia seria “a doutrina do bem supremo enquanto a razão aspira para torná-la uma ciência”. Para a “ciência é a porta estreita de acesso à sabedoria”. A ciência sem sabedoria, carece de sentido; a sabedoria sem ciência, é privada de realidade. (JASPERS, 1995, p. 358)

A filosofia é o que dá sentido à vida humana ao tornar o pensamento compreensível para si mesmo. Esse movimento de pensar o próprio pensamento, que todo o ser humano está sujeito, é uma atividade puramente intelectual. Por isso Gramsci vai dizer no “*Caderno do cárcere*” ao fazer suas considerações sobre o intelectual orgânico e a educação unitária¹ que “todos os homens são intelectuais mas nem todos os homens, têm na sociedade a função de intelectual” (GRAMSCI, 2006, p.18). Pode-se dizer que todos os seres humanos têm plenas condições para o exercício intelectual e filosófico. Mas o sujeito precisa de empenho e esforço pessoal para desenvolver o conhecimento racional e científico.

Para este filósofo o nível do desenvolvimento racional e o tipo de intelectual serão determinados pela conexão com os grupos sociais, inseridos num determinado contexto histórico, social e material da vida concreta, a partir da qual analisa a realidade e as experiências humanas e se faz filosofia. Jaspers vai além de Gramsci ao pensar que todos os modos da realidade “aqui e agora” do englobante da existência humana faz parte e determina o filosofar como a liberdade possível, a política, a

¹ Uma educação unitária pressupõe que todos tenham acesso aos conhecimentos, à cultura e às mediações para trabalhar e para produzir a existência e a riqueza social (RAMOS, 2008).

economia, a transcendência, a fé, a ciência e outros. Os movimentos sociais são um dos modos da manifestação do englobante. Assim se pode dizer que são as conexões estabelecidas pelos sujeitos com os diferentes modos de ser da realidade, que vai determinar a concepção de filosofia do sujeito, pois “Uma filosofia que teme o contato com a realidade, não tem fundamento. Uma filosofia autêntica entranha-se no real” (HERSCH, 1982, p. 96)

A atividade filosófica de busca por resposta às questões oriundas do contato do sujeito com o mundo e com o seu cotidiano é o filosofar, porém, “para saber o que é filosofia tem que se fazer uma tentativa. Só então a filosofia será a marcha do pensamento vivo e a consciência desse pensamento (reflexão), isto é, o acto e o respectivo comentário” (JASPERS, 1998, p. 18). A partir dessas considerações pode-se afirmar que o professor deve ensinar o aluno a filosofar, portanto ele deverá ser incluído na atividade filosófica. Filosofia é o conteúdo acumulado por séculos e a única que “tem o poder de alterar a forma de pensamento” (JASPERS, 2016, p. 147), já o filosofar é o processo de construção desse saber acumulado. Segundo Jaspers:

Filosofar significa estar-a-caminho. As interrogações são mais importantes do que as respostas e a cada uma destas transforma-se em nova interrogação [...] O sentido do filosofar reside na conquista da realidade da situação em que sempre o indivíduo se encontra. Só a partir da tentativa pessoal poderemos aperceber-nos do que se nos depara no mundo com o nome de filosofia. (JASPERS, 1998, p. 18-19)

Um caminho que não tem ponto final, mas que, no entanto, a cada passo o sujeito se torna dono de si, do seu pensamento, da sua vida, adquirindo liberdade para caminhar. Por isso o aluno deve aprender a filosofar, ter um maior domínio sobre a ação de perguntar e buscar por resposta de forma mais profunda e rigorosa. A reflexão ativa proporciona ao sujeito o reconhecimento da condição humana, da sua própria forma de apropriar-se, ressignificar e construir o saber. Cabe ao professor possibilitar uma aprendizagem que leve o aluno a apreender e a alcançar os meios de que precisa para pensar por si mesmo

OBJETIVOS

- Diagnosticar o que os alunos e alunas entendem por filosofia e filosofar;
- Apresentar a proposta do projeto de intervenção pedagógica aos estudantes do 2º ano do ensino médio;

- Analisar o conceito de filosofia e filosofar;
- Pesquisar e elaborar o conceito de filosofia.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Fazer o diagnóstico para levantar qual a concepção de filosofia e do filosofar predomina na turma. Apresentar as definições elaboradas durante a discussão no grupo de pesquisa realizada com os alunos do 1º ano de 2016.

Apresentação do vídeo: “*Filosofar é preciso*” - os 2 minutos e 38 segundos iniciais, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NjQFFijwz0> . Para pensar sobre: Quais os tipos de perguntas são feitas pelos alunos da turma? A ação de perguntar diminuem na adolescência ou são amplificadas? Por que a pergunta cessa quando nos habituamos com os fatos do cotidiano?

Deixar que os alunos discutam. Interferir apenas quando a discussão sair do objetivo da aula, pois esta é uma aula para fazer o diagnóstico do nível da compreensão filosófica da turma. Por isso as perguntas devem ser pontuais, a fim de provocar a reflexão e conduzir os alunos para uma autodescoberta sobre a filosofia. As conclusões da turma sobre a filosofia e o filosofar deverá ser realizada em grupo utilizando o recurso tecnológico de compartilhamento do documento no Google drive.

2ª) Apresentação dos slides sobre “Filosofia e a problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio”, para esclarecer o projeto de intervenção pedagógica aos alunos. Esclarecer também, a tarefa final do projeto que será a elaboração do jornal virtual, como uma forma de comunicar ao outro as próprias ideias. Selecionar a equipe de quatro estudantes para fazer a diagramação.

3ª) Resgatar a conversa sobre a pergunta e inserir o texto “A filosofia no mundo” de Karl Jaspers *do livro Introdução ao pensamento filosófico* (p.138-148). A leitura e apontamentos do texto deverão ser realizadas como tarefa de casa da aula anterior. Com o texto já feito e a leitura prévia, reunir os alunos em pequenos grupos para discussão. Eles deverão indicar qual o papel atual da filosofia? Encerrar a atividade de grupo com a plenária.

Ao final da aula solicitar que os alunos releiam o texto e façam uma pesquisa sobre as diferentes concepções de filosofia formuladas pelos pensadores clássicos em diferentes períodos históricos.

4ª) Assistir o vídeo “*Filosofar é preciso*” até o final, a partir dos 2:38s. já vistos na primeira aula e anotar alguns apontamentos dos alunos sobre as impressões do conteúdo do vídeo na lousa.

Após essa ação instigar os alunos a compartilhar as impressões sobre o conteúdo do texto e da pesquisa realizada em casa e relacioná-las com algum elemento significativo apontados pelos alunos sobre o vídeo.

Perguntas para discussão: O que significa dizer que a filosofia é comum a todos? Qual a importância da pergunta em nossa vida e por que filosofar é “estar-a-caminho”? Como atividade: solicitar a elaboração pessoal do conceito de filosofia e do ato de filosofar.

Durante a implementação das quatro aulas acima, o professor(a) deverá fazer a avaliação diagnóstica para saber os hábitos ou vícios de estudos e pesquisas manifestas pelos alunos. Por isso que as leituras, pesquisas e textos deverão ser realizadas como tarefas individuais ou coletivas de forma colaborativa via o documento do Google drive.

RECURSOS

- Textos xerocopiados
- Projetor multimídia ou Tv Pendrive;
- Hipertextos a ser disponibilizados pelas TICs.
- Slides

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 4 horas

REFERÊNCIAS

FILOSOFAR é preciso. Trabalho de humanidades II: filosofia. Faculdade Mater Dei. 8'46". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjQFFjwz0>. Acesso em: 21/09/2016.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 4ª. ed. In: *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 2.

HERSCH, Jeanne. *Karl Jaspers*. Trad. de Luís Guerreiro P. Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

JASPERS, Karl. *Los grandes filósofos*. Los fundadores del filosofar: Platón, Agustín, Kant. Trad. Pablo Simón. Madrid: editora Tecnos, 1995. v. 2.

_____. *Iniciação filosófica*. Trad. Manuela Pinto dos Santos. 9ª. ed. Lisboa: Guimarães editores, 1998.

_____. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny S. da Mota. 21ª. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2016

RAMOS, Marise. "Concepção do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional". In: PARANÁ/DET. *O ensino médio integrado à educação profissional: concepções e construções a partir da implantação na rede pública do Estado do Paraná*. Curitiba: SEED-Pr., 2008, p. 62

Link de acesso ao projeto: <http://arq.e-escola.pr.gov.br/pde2012/6042559-131.pdf>

SEGUNDO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

A origem do filosofar

INTRODUÇÃO

É recorrente entre os filósofos a afirmação de que a origem do filosofar remonta à filosofia antiga com Sócrates e Platão. No diálogo *Teeteto*, Sócrates assinala que: “a admiração (espanto) é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia. (PLATÃO, 2001, p. 54). Karl Jaspers concorda e acrescenta mais dois elementos que são a dúvida com base, primeiro, em Descartes, e a consciência da perdição, ou situações limites, depois, com base em Epiteto, como a origem do filosofar, ultrapassando o espanto ou a admiração.

Este impulso original é múltímodo. Do espanto provém a interrogação e o conhecimento, da dúvida em relação ao que se conhece deriva a comprovação crítica e a clara certeza, da comoção do homem e da consciência da sua perdição provem a interrogação relativa a si próprio” (JASPERS, 1998, p. 23)

A admiração ou o espanto vai despertar o sujeito para a realidade do mundo, é um arrancar o ser humano das certezas do senso comum, que, a exemplo de Sócrates, reconhece a sua própria ignorância e a necessidade de conhecer a verdade sobre a realidade para bem viver. A compreensão dessa verdade depende do esforço racional, consciente e voluntário do ser humano que questiona e busca resposta. É uma investigação desinteressada motivada pelo desejo de saber, afinal “Todos os

seres humanos naturalmente desejam conhecimento” (ARISTÓTELES, 2006, p.43).

No livro *Metafísica* Aristóteles vai reafirmar que

É por força de seu maravilhamento que os seres humanos começam agora a filosofar e, originalmente, começam a filosofar; maravilhando-se primeiramente ante perplexidades óbvias, em seguida, por um progresso gradual, levantando questões também acerca de grandes matérias, por exemplo, a respeito da mutação da lua e do sol, a respeito dos astros e a respeito da origem do universo” (ARISTÓTELES, 2006, p. 47).

Com o espanto o homem interroga, investiga e constrói o conhecimento, mas ainda não há a certeza de sua verdade, assim, o recurso da dúvida é o meio para comprovar a verdade desse novo conhecimento, pois o homem tem necessidade de estabelecer algumas certezas para continuar o caminho. Descartes voltou-se totalmente para si mesmo e percebeu que tudo o que aprendeu da tradição era incerto. Levou a dúvida ao extremo e chegou à convicção de que ele poderia duvidar de tudo, menos do fato de que ele era um ser pensante “cogito, ergo sum – penso, logo existo”. Transformou o recurso dos céticos da dúvida em método para questionar e desconstruir as opiniões sem fundamentos. Somente as opiniões que resistem à dúvida metódica são aceitas como verdadeiras. Descartes foi quem iniciou o princípio da subjetividade que dominou as investigações no mundo moderno.

A filosofia de Descartes pode ser – a causa do comportar-se “ante a si mesmo” do cogito ergo sum – o ponto de partida para o filosofar que desde Kant, Fichte e Schelling se originou no enigma do ser, em um princípio, aquela filosofia foi nesse sentido o ponto de partida para o filosofar subjetivista, que prontamente se converteu em psicológico. (JASPERS, 1958, p. 18)

A dúvida é concebida como origem do filosofar pela necessidade de comprovar a validade do conhecimento objetivo que foram formulados subjetivamente pelo ser humano. E o conhecimento subjetivo? O movimento originário do filosofar que desperta o homem para o seu mundo interior são as situações limites ou a consciência de sua perdição. É o momento de reflexão pessoal da busca do sentido da própria existência, é nesse momento que o homem afirma a sua liberdade ao fazer as escolhas que determinam e fundamentam as decisões pessoais que moldam e ampliam o seu caminho. Consciência da perdição ou situações limites é um conceito da filosofia estoica que foi revitalizado no existencialismo e que reflete a condição humana e a consciência de si próprio.

O estóico Epicteto disse que “origem da filosofia é a tomada de consciência da nossa fraqueza e impotência”. De que poderei socorrer-me na minha impotência? E a sua resposta foi: considerar indiferente tudo o que sendo necessário não está em meu poder, e, por outro lado, esclarecer e libertar pelo pensamento o que de mim depende, nomeadamente as formas e conteúdos das minhas representações (JASPERS, 1998, p. 25).

A comunicação é elencada por ele como a condição para que o espanto, a dúvida e as situações limites aconteçam. A comunicação é o elemento fundamental de entendimento entre os sujeitos. É por meio da linguagem que os seres humanos promovem a construção simbólica do repertório sociocultural e expressa a sua representação do mundo, tornando-a compreensiva para o outro. O entendimento entre os sujeitos de comunicação resulta da disposição de cada membro do grupo exprimir o que pensa no diálogo sincero e autêntico com o outro.

Assim, a origem da filosofia é o espanto, a dúvida e a experiência das situações-limite; mas, em último lugar e incluindo todas essas motivações, é a vontade de autêntica comunicação. Isto revela-se logo de princípio pelo fato de toda a filosofia ansiar pela participação, exprimir-se, pretender ser ouvido; essencialmente é a própria comunicabilidade que está indissolivelmente ligada à verdade. Na comunicação a filosofia alcança a sua finalidade, o fundamento e o sentido último de todos os fins: a apreensão do ser, a claridade do amor, a plenitude da paz. (JASPERS, 1998, p. 32)

A comunicação potencializa o filosofar e, por meio desta a compreensão de si e do outro da relação desde o nascimento até os últimos dias da sua vida. Pela interação intersubjetiva, o sujeito de comunicação pretende ser ouvido, falar e rever ou corrigir o seu pensamento. Esse rever o pensamento no ato da fala provoca a autorreflexão e a organização do pensamento. A busca de entendimento mútuo no diálogo, intensifica o movimento de compreensão e de humanização de si, na compreensão e humanização do outro. A humanização, portanto, não se dá no isolamento do sujeito mas na participação comunicativa, em colaboração mútua com as demais pessoas e com a própria vida.

OBJETIVOS

- Conhecer a origem das motivações que desperta e instigam o ser humano à necessidade de filosofar.
- Analisar e formular um conceito da identidade pessoal a partir da visão do outro e da sua própria, em resposta à pergunta “Quem sou Eu”.

- Fazer uma entrevista com os pais para reconhecer a importância do outro no desenvolvimento físico, psíquico e cognitivo do sujeito.
- Compartilhar o conceito pessoal a fim de criar laços e empatia entre os alunos da turma.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Assistir ao vídeo de Carl Sagan “A história de tudo”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7AgLEMyotWs>. Carl Sagan, neste vídeo, narra a evolução do Cosmos. O homem ao contemplar e perplexo diante da imensidão do cosmos e da vida começa a questionar.

Abrir para a discussão sobre as impressões dos alunos sobre o Cosmos e as situações cotidianas que nos causam espanto/maravilhamento, dúvidas e inseguranças.

Leituras de pequenos fragmentos dos textos de Platão, Aristóteles, Descartes, Epiteto e Jaspers sobre a origem do filosofar. Intercalar a leitura dos textos com as colocações dos alunos no momento da discussão que se apresentarem oportunas. A questão da origem será retomada mais à frente.

2º) “Quando nos interrogamos sobre a origem do universo, da vida, da consciência do ser e do progresso do espírito humano ao longo dos tempos. Nos encontramos com limites de fato. Não compreendemos jamais integralmente, nem a matéria, nem a vida, nem o começo ou a ausência do começo, nem a continuidade ou a solução de continuidade; a única coisa que podemos fazer, é progredir no conhecimento, em direção ao infinito” (JASPERS, 1989, p. 108).

Conversar com os alunos sobre o significado dessa citação retirada do texto *Ciência e verdade* de Karl Jaspers. Disponível em http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao_carl_jaspers_ciencia_e_verdade/n1carl.pdf

Instigar os alunos a pensar sobre o momento e o contexto em que ele começou a buscar o porquê das coisas. Isso foi o resultado de uma dúvida, maravilhamento ou de dor? Para respondê-la, deverão fazer uma entrevista com os pais.

Elaboração do questionário para os pais. Este diálogo com os pais deverá abordar os acontecimentos desde a concepção, nascimento e desenvolvimento com abordagens pessoais, socioculturais, políticos e epistemológicos, perguntas como: O que o seu nascimento significou e o que mudou na vida do casal.

3ª) Leitura do texto conhecimento interior sobre Sócrates do Rodolfo Mondolfo, em anexo.

Convidar o aluno a pensar sobre si mesmo e reconstruir a sua história a partir da perspectiva do outro, os seus pais, e da sua própria perspectiva.

Analisar a história pessoal elaborada a partir da entrevista com os pais. Para essa análise o aluno deve considerar:

1. A concepção pessoal de quem sou Eu?
2. A concepção dos pais sobre quem é seu filho?
3. Como o outro promove, interfere ou auxilia na formação da sua identidade?
4. Como o aluno se concebe a partir da análise das visões de si mesmo, do outro e do mundo que o rodeia? (O aluno deverá ser instigado a refletir sobre a sua relação com as demais pessoas, com o mundo e consigo mesmo).

4ª) Para introdução da plenária assistir o vídeo: “São os outros que dizem quem eu sou” de Donaldo Shüler. Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=xOPHo8vQa_c

Compartilhar com a turma as experiências da reflexão sobre si mesmo e a importância do outro em nossa vida. Rever a narração de si mesmo a partir dos dados da discussão em sala.

RECURSOS

- Projetor de imagens ou Tv Pendrive
- Questionário para a entrevista com os pais
- Hipertexto a ser disponibilizado pelas tecnologias de informação e comunicação - TICs (o texto acima sobre a origem do filosofar deverá ser adaptado para o aluno)
- Vídeos
- Slides sobre a origem do filosofar

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 4 horas

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA de tudo. *Série Cosmos*. Direção: Adrian Malone. Criação: Carl Sagan e Ann druyan. Apresentação: Carl Sagan. Produção: KCET e Carl Sagan, 1980. 1 hora por episódio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7AgLEMyotWs>. Acesso em: 13/11/2016.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2006.

ARRIANO, Flávio. *O Manual de Epicteto*. Trad. de Aldo Dinucci; Alfredo Julien. Introdução e notas de Aldo Dinucci. São Cristóvão, SE: UFS, 2012.

JASPERS, Karl. *Descartes y la filosofia*. Trad. de Oswald Bayer. Buenos Aires: Ediciones Leviatán, 1958.

_____. Ciência e verdade. Revista: *O que nos faz Pensar*, Rio de Janeiro: PUC, n. 1, p. 104-117, jun. 1989. Disponível em: http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao_carl_jaspers_ciencia_e_verdade/n1carl.pdf . Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. *Iniciação filosófica*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos. 9ª. ed. Lisboa: Guimarães editores, 1998.

MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo: história da filosofia grego-romana*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1971. v.1, p. 160-162.

Platão. *Teeteto*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3ª. ed. Belém: Editora UFPA, 2001.

SÃO OS OUTROS que dizem quem eu sou. Entrevista com Donaldo Schüler. 2'15". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xOPHo8vQa_c . Acesso em: 15/11/2016.

ANEXO

Conhecimento interior

- a) Conhece-te a ti mesmo. Dize-me Eutidemo, estiveste alguma vez em Delfos? – Duas vezes. – Notaste, não sei em que parte do templo, a inscrição: conhece-te a ti mesmo? – Sim. – Pois bem, não prestaste atenção a essa inscrição, ou gravaste na tua mente e refletiste para examinar o que és? – Na verdade não fiz caso disso; pois acreditava sabe-lo perfeitamente, e mal poderia conhecer outra cousa, se não conhecesse a mim mesmo. – Mas quem te parece que conheça a

si próprio destes dois: aquele que sabe apenas o seu próprio nome, ou aquele que se examinou como a um cavalo que deseja comprar ..., ou seja que se examinou sobre as condições em que se acha a respeito da profissão a que se destina o homem, e que conheceu as suas próprias forças? (Xenofonte, Memorab., IV, 2).

A vida sem exame é indigna de um homem (Platão, Apol., XXVIII).

- b) *O conhecimento, condição de sabedoria e de virtude.* Não (poderia) consentir jamais que um homem, que não tenha conhecimento de si mesmo, possa ser sábio. Pois até chegaria eu a afirmar que precisamente nisto consiste a sabedoria, no conhecer a si mesmo; e concordo com aquele que, em Delfos, escreveu a famosa frase (Platão, Carmide, 164).

Que, pois? Nunca poderemos saber qual é a arte que torna melhor a cada um de nós, embora ignoremos que é que somos nós mesmos? – Impossível. - ... Enquanto não nos conhecermos a nós mesmos e não formos sábios, poderemos saber o que é que nos pertence de bom e de mau? (Platão, Alcib. Primeiro, 128 e 133).

- c) *O método da introspecção.* É por acaso cousa fácil conhecer-se a si mesmo, e foi homem de pouco valor quem escreveu este preceito no templo de Apolo, ou é cousa difícil e inacessível a todos? Ora, vamos! – de que maneira poderia descobrir-se este si mesmo? ... Que é o homem? – Não sei dizê-lo. Porém sabes dizer que é aquele que se serve do seu corpo. – Sim. – E quem se serve do corpo, se não a alma? ... Conhecer a alma, pois, nos ordena quem nos ordena: conhece-te a ti mesmo. – Parece. – Pois bem, de que maneira poderemos conhecê-la de modo mais claro? ... Procura tu também. Se (a inscrição de Delfos) houvesse dito ao ôlho, como a um homem, para aconselhá-lo: olha a ti mesmo, como e a que cousa crês que o exortasse? Não talvez para olhar aquilo, olhando o qual, o olho poderia ver-se a si mesmo? ... Evidentemente, pois, para olhar em um espelho ou cousa semelhante. – Justamente. – Ora bem, não há algo semelhante em (outro) olho, em que nós possamos olhar? – Certamente. - ... Um olho, se quiser ver-se a si mesmo, é preciso que olhe em um olho, primeiro naquela parte do olho em que julgamos residir a virtude do mesmo que, precisamente, é a vista... Ora, também a alma, se quiser conhecer a si mesma, não necessita, talvez, que olhe em outra alma, e sobretudo naquela parte em que reside a virtude da alma, a sabedoria? É quem olhe nela e conheça todo o seu ser divino, poderá conhecer-se a si mesmo, principalmente desta maneira (Platão, Alcib., Iº., 129, 130, 132-3). (MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo: história da filosofia grego-romana.* São Paulo: Editora Mestre Jou, 1971. v. 1, p. 160-162).

SEGUNDA ETAPA

PROBLEMATIZAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, eu não aprendo e nem ensino”.

Paulo Freire

TERCEIRO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

Leitura do mundo: da vida cotidiana e escolar à consciência do mundo.

INTRODUÇÃO

A instituição escolar apresenta todas as condições objetivas para a promoção do sujeito, seja para a alienação ou para a emancipação. Pensando na possibilidade da emancipação do aluno, a escola pode e deve proporcionar a experiência científica e filosófica, e despertá-lo para o que há de mais genuíno no ser humano, a sua capacidade para pensar, refletir, problematizar a realidade, promovendo a saída do que lhe é confortável e habitual. A realidade no espaço escolar, porém, apresenta contradições que inibe a emancipação dos estudantes.

Na pesquisa de campo para conhecer os alunos dos primeiros anos, que serão os segundos anos do ensino médio em 2017, ao perguntar o que eles pensam da

escola, alguns disseram que a escola é ultrapassada, primitiva, sucata, repressora da identidade. Estes pensamentos sinalizam uma condição histórica e social bem específica, a “revolução digital”. A geração que alguns chamam de "nativos digitais" estão inseridos em um sistema escolar, cujas as bases de sustentação estão em colapso.

A instrução escolar não corresponde mais à expectativa de educação vivenciada pelos alunos nas redes sociais, nos sites de pesquisas e outros recursos tecnológicos dos meios de comunicação e informação disponíveis fora da escola. Este colapso gera um estado de desconforto, experimentado pelos indivíduos na forma de desânimo ou preguiça para estudar. Para muitos professores este estado de espírito é motivo para desânimo e até desistência da profissão, mas para uma grande maioria é um problema a ser analisado.

A condição que apresenta a escola é o terreno propício para a ação filosófica que é contínua, ininterrupta, e sempre inconclusa. É exatamente no momento da cisão ou do colapso sistêmico que “a nossa existência pensante e do englobante que nela se torna presente, confere-nos a liberdade necessária à filosofia” (JASPERS, 1998, p. 42), ou seja, no momento em que o sujeito percebe as contradições, torna-se inevitável a problematização da realidade. Ele é literalmente despertado para olhar o mundo a sua volta, fazer a leitura desse mundo e questioná-lo. Segundo Critelli, de acordo com Hannah Arendt,

Quando há eventos que promovem rupturas em nossa existência, impedindo que o mundo permaneça, sendo a casa que nos acolhe e abriga precisamos desesperadamente compreendê-los, para que possamos nos reconciliar com esse mesmo mundo e voltarmos a nos sentirmos em casa novamente nele. O quê, por quê, como essas ocorrências são, é tudo o que convoca irremediavelmente os homens. Sem responder a essas questões, sentem-se impotentes e paralisados diante do próprio existir. (CRITELLI, 2006, p.77).

A problematização da realidade que o sujeito está inserido é o motor da filosofia, é o que determina a capacidade do ser humano de conhecer. Assim cada sujeito, inserido num contexto sociocultural e histórico definido, deve resgatar e manter o espírito questionador da prática docente e discente. Pois o ato de questionar abre a possibilidade para fazer da vida um eterno caminhar, rumo ao sentido da realidade existencial. A reflexão no processo de compreensão da realidade fundamenta, justifica e determina as ações conscientes sobre os eventos da vida concreta, além de ressignificar e fortalecer a autenticidade nas relações entre os

sujeitos. O caminho do pensar e agir, contudo, deve estar intrinsecamente ligado à vida concreta dos sujeitos de ação.

Para a vida se não perder em dispersão deverá integrar-se numa ordem. O dia-a-dia deverá enquadrar-se no englobante, deverá alcançar uma coesão construída pelo trabalho, consumação e plenitude e aprofundar-se na recorrência. Assim a vida, mesmo preenchida por actividade e labor sempre idênticos, estará impregnada de uma disposição de alma que se sabe referida a um valor. Deste modo nos sentiremos resguardados pela tomada de consciência de nós próprios e do mundo, e o solo em que assentamos será da história a que pertencemos, e o da nossa própria vida, mercê da recordação e da fidelidade. (JASPERS, 1998, p.119)

A busca por respostas depende da força de vontade e determinação de cada sujeito, com a intenção de compreender a realidade que o rodeia para melhor agir sobre o mundo, transformando-o na medida que transforma a si mesmo. Essa práxis que move a transformação pessoal, social e epistêmica deve conceber o ser na sua totalidade, por isso, “o ser não se pode separar do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se faz tal separação, caímos numas das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido” (GRAMSCI, 1978, p. 98). Assim, cabe a pergunta: O que nós precisamos compreender da realidade que já conhecemos? Como podemos voltar a sentir-se em casa no ambiente escolar sem perdermo-nos em divagações e acusações sem sentido?

OBJETIVOS

- Pensar o contexto da aprendizagem e qual a melhor forma para potencializar o auto-estudo.
- Perceber que cada sujeito tem uma percepção fragmentada da verdade, somente na troca de experiências é que se terá a visão mais próxima e abrangente da verdade.
- Conhecer os limites do próprio conhecimento e da ciência para responder os problemas do homem na contemporaneidade.
- Perceber-se como sujeito social e corresponsável pela história da qual faz parte.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Análise do próprio ato de aprender, ou seja, o que o aluno precisa compreender da realidade que já conhece e como ele aprende.

Assistir o vídeo: *Os perigos de uma história única* da escritora Chimamanda Adichie. Ela narra a sua história na relação e descobertas do pensamento sobre o seu povo e a África a partir da convivência com estudantes e o povo dos EUA e outros.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>

O sujeito elabora representações do mundo a partir de modelos prefixados pela sociedade e reforçados pelo seio familiar. Até que ponto esse sujeito absorve e vive como sendo seu, um modelo ou uma ideia que pertence a outro?

Quais os riscos de uma história única para a sua concepção de mundo? Como o aluno aprende?

Redação sobre o próprio ato de aprender.

2ª) Introduzir o texto sobre “A história e o presente” do livro *Introdução ao pensamento filosófico* de Karl Jaspers. Este texto tem a função de levar o aluno a perceber o movimento do pensar filosófico na reflexão de um saber até o seu limite, pois é no limite da ciência que a filosofia atua. Para a leitura do texto dividir a turma em grupos.

A análise do texto deverá ser realizada de forma fragmentada, conforme o número dos tópicos. Após a leitura destacar os principais argumentos e transcrevê-los em slides para a plenária.

3ª) Plenária: cada grupo apresenta as principais ideias transcritas no slide do tópico do texto em análise. Quais os problemas sociocultural, político, ético e científico abordado no texto.

4ª) Organizar, ordenar a estrutura do desenvolvimento argumentativo conforme apresenta no texto. Quais as impressões dos alunos sobre a forma que o pensador registrou as reflexões sobre *a história e o presente*? Quais perguntas que o texto provoca? O texto possibilita o movimento próprio do pensamento do leitor ou dificulta? Qual a melhor forma para aprender e registrar as próprias ideias? O que ainda precisamos compreender sobre os problemas que o texto aborda?1

RECURSOS

- Projetor de imagens ou Tv Pendrive
- Texto disponibilizado pelas TICs
- Texto xerocopiados
- Vídeos
- Slides

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 4 horas

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2006.

CRITELLI, Dulce. O ofício de pensar. In: Revista: *Hannah Arendt pensa a educação*. São Paulo: Segmento, nº. 04, 2006, p. 74-83

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12. *Os intelectuais. O princípio educativo*. In: *Cadernos do Cárcere. Jornalismo*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 2.

GRAMSCI, Antonio. *Introdução à filosofia da práxis*. Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa, 1978.

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 21ª. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2016.

_____. *Los grandes filósofos*. Los fundadores del filosofar: Platón, Agustín, Kant. Trad. de Pablo Simón. Madrid: Editorial Tecnos, 1995. v 2.

_____. *Iniciação filosófica*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos. 9ª. ed. Lisboa: Guimarães editores, 1998.

OS PERIGOS de uma história única. Comunicação da escritora Chimamanda Adichie. 18'46". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ> . Acesso em: 05/09/2016.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Filosofia*. Curitiba, SEED/2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf Acesso em: 23/04/2016.

QUARTO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

Leitura do mundo: repensar a experiência imediata

INTRODUÇÃO

Para filosofar o aluno deve resgatar duas dimensões: a sua própria realidade interior e a realidade do mundo exterior, ação que não é solitária, mas dialética – cf. encontros dois e três -. A realidade do aluno deve ser problematizada a partir da análise do cotidiano esboçada por ele, pois é aí que se inicia a necessidade pessoal de reflexão e ação na construção do conhecimento. Antes de fazer a “leitura da palavra” escrita por meio da investigação, é necessário fazer a “leitura do mundo”, fonte das experiências sensoriais. É nesse mundo que se tem as manifestações da sua aprendizagem motivadas pelo desejo de aprender.

Desejo que, segundo Aristóteles, é uma disposição natural do ser humano, “Todos os seres humanos naturalmente desejam conhecimento. Isto é indicado pelo apreço que experimentamos pelos sentidos” (ARISTÓTELES, 2006, p.43). Por isso é necessário instigar no aluno o espírito de curiosidade e despertar o desejo de saber e, a partir dos conhecimentos prévios sobre si mesmo e o mundo, ele possa problematizar a realidade que se apresenta contraditória e estranha. A meditação filosófica “nasce de uma realidade própria do homem, de uma experiência de estranhamento diante do mundo, ‘pois o homem existe indagando, uma vez que se encontra perdido entre as coisas e diante das coisas’” (CARVALHO, 2001, p. 82).

Assim, o professor que fez a opção didático e pedagógica, fundamentada na perspectiva dos alunos, deve valorizar e transformar em conteúdo as experiências de estranhamento detectado entre os adolescentes.

Se respeita e fomenta assim por direito próprio a responsabilidade pedagógica e didática, cujo olhar está sempre voltada para os jovens. Em um primeiro momento se permite a estes contemplar o mundo com seus próprios olhos e conforme a sua própria categoria a fim de que, mais afrente, possam confiantemente fazer o seu estilo de pensamento científico como elemento da razão. (HORN, 2001, p. 4).

Na pedagogia freireana o sujeito também é convocado para olhar o mundo. Pois são pelos sentidos que os seres humanos captam as percepções que estão por todos os lugares e coisas existentes no mundo, por isso é imprescindível a leitura de mundo que o sujeito se apropriou ao longo de sua vida. Conforme Paulo Freire destaca, a “leitura do mundo inicial que o aluno traz consigo, ou melhor, em si. Ele forjou-a no contexto de seu lar, de seu bairro, de sua cidade, marcando-a fortemente com sua origem social” (FREIRE, 1991, p. 2). Ainda de acordo com Freire pode-se acrescentar que:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela. Na proposta que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente (FREIRE, 1989, p.13).

Uma das ações que auxiliam essa tomada de consciência e percepção são as recordações, conhecimentos e as relações com as demais pessoas que devem ser revisitadas sempre que necessário. Esse visitar é um mergulhar no mundo da realidade pessoal e social, para delas retirarem os fragmentos que possam vincular a outros. Desse vínculo é possível estabelecer uma compreensão da realidade mais abrangente, concebendo sentido à vida. Assim pode-se ultrapassar os sentimentos de medo, fracasso, impotência para decidir e assumir o direcionamento de sua vida social e profissional que, segundo Jaspers, de acordo com Hegel, “para se perguntar pelo propósito mesmo das coisas, é preciso ter uma consciência viva do seu próprio Eu” (JASPERS, 1989, p. 105). Dessa forma:

O indivíduo adquire pela espontaneidade própria o que o quotidianamente lhe é visível e está presente no mundo que o rodeia. O mesmo não acontece num mundo em eminente derrocada onde a

tradição encontra cada vez menos adeptos, num mundo que subsiste apenas enquanto ordem exterior, destituído de simbolismo ou transcendência, que deixa a alma vazia sem dar satisfação ao homem; este, se o mundo não o prende, fica à mercê de si próprio, da cupidez e do tédio, da angústia e da indiferença. Nesse caso o indivíduo só consigo pode contar. Pela orientação filosófica da vida procura construir por suas forças o que o mundo circundante já lhe não concede. (JASPERS, 1998, p. 121).

Após a leitura da história pessoal e da percepção do limite do conhecimento é hora de se colocar humildemente diante do mundo e se perguntar: Qual situação vivenciada por mim determina ou influencia a forma que vivo? Qual situação preciso compreender para melhor decidir e determinar a minha vida? O que me motiva, ou qual o meu principal interesse que permeia e até delimita as minhas ações cotidianas? Este é um convite para os alunos pensarem por sua própria conta o mundo que o rodeia.

OBJETIVOS

- Identificar no mundo vivido pelo aluno a questão temática que precisa ser compreendida.
- Analisar e decodificar as representações elaboradas pela turma e outros estudantes do colégio sobre a realidade dos adolescentes.
- Analisar as motivações pessoais para a escolha da questão temática e a importância desse tema para a formação dos membros da turma e para a comunidade escolar.
- Elaborar um roteiro prévio para a investigação da questão temática.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Análise do mundo vivido pelo aluno a partir da narrativa de si, do contexto de sua aprendizagem e do ato de aprender trabalhados nos encontros dois e três.

Os estudantes, em grupos, deverão encontrar pontos comuns significativos e elaborar uma representação artística ou fotográfica, frases, poesias ou breves textos que melhor expressam os conhecimentos adquiridos nestes 15 anos de suas vidas.

2ª) Decodificação das representações da realidade dos estudantes. A maioria das representações a serem analisadas são as produções mencionadas acima.

Segue em anexo a representação artística da aluna do 1º. Ano D do ensino médio de 2016. Produção elaborada a partir da conclusão da discussão de grupos sobre os hábitos de estudo, liberdade e autonomia, a partir dos dados da primeira pesquisa com as turmas do 1º. anos B, C e D do ano letivo de 2016. A maioria destes alunos estarão no 2º. anos, turmas que serão implementado o projeto de intervenção pedagógica.

3ª) Leitura do texto “Orientação filosófica da vida”, do livro *Iniciação filosófica* de Karl Jaspers (p. 119-121). Pensar a pergunta que Jaspers cita nesse texto: “Que sou eu, que estou descurando, que deverei fazer?”

Elaboração e justificativa da questão temática. Essa problematização deverá ser individual com uma breve indicação da motivação – espanto/maravilhamento, dúvida e situações-limite - que impulsionou a escolha do problema. Para a definição da mola propulsora inicial para a problematização, os alunos deverão ler os fragmentos dos textos de: Platão, Aristóteles, Descartes, Epiteto e Jaspers.

4ª) Pesquisar na biblioteca e em sites de busca sobre o problema escolhido e formular um pequeno roteiro com base nos conhecimentos prévios e outros oriundos da pesquisa.

Indicar uma referência teórica conforme a problemática e justificativa do aluno. O professor(a) deverá orientar o aluno sobre como proceder na busca do referencial adequado para ajudá-lo a compreender o problema em análise. O aluno deverá selecionar dois pensadores.

Munidos com três pensadores orientar o aluno para fazer uma pesquisa sobre o contexto e as ideias desses filósofos. A partir desta pesquisa escolher um, com quem tenha se identificado.

O roteiro deverá ser elaborado como tarefa de casa para melhor amadurecer as ideias sobre a pesquisa do autor escolhido. É importantíssimo que o aluno tenha em mãos um roteiro de como proceder ao pesquisar na rede.

RECURSOS

- Textos
- Representação artística
- Quadro e giz
- Celulares para pesquisa
- Laboratório de informática

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 4 horas

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2006.

CARVALHO, José Mauricio de. A missão da filosofia. Revista: *Ciências humanas*, Florianópolis: EDUFC, n. 29, p. 81-92, abr. 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. *Leitura da palavra ... leitura do mundo*. SulearIUM, Rio de Janeiro, p. 1-6, 1991. Diálogo com Marcio D'Olne Campos. Disponível em: <http://www.sulear.com.br/texto06.pdf> Acesso em: 21/10/2016.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23ª. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.

HORN, Hermann. Karl Jaspers (1883 – 1968). *Perspectivas: revista trimestral de educación comparada*. Paris: UNESCO – Oficina Internacional de Educación, 2001. Vol. XXIII, nº 3-4, p. 769-788. Disponível em:

<http://www.ibe.unesco.org/sites/default/files/jaspers.pdf>. Acesso em 24/11/2016

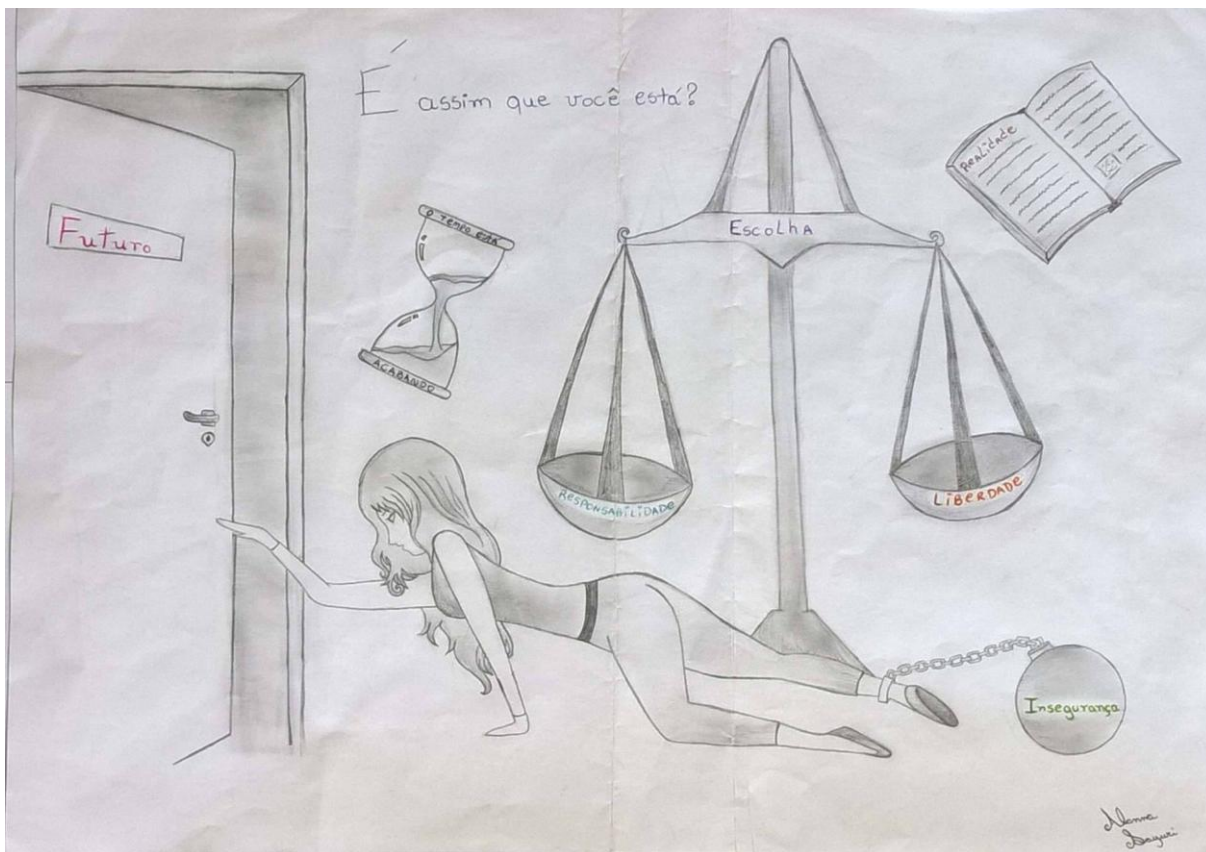
JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Trad. de Manuela P. dos Santos. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

_____. Ciência e verdade. Revista: *O que nos faz Pensar*, Rio de Janeiro/PUC, n. 1, p. 104-117, jun. 1989. Disponível em:

http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao_carl_jaspers_ciencia_e_verdade/n1carl.pdf . Acesso em: 10 jul. 2015.

ANEXOS

1. Representação artística



Autoria: Alanna Sayuri Sato Cachione F. Santos.

TERCEIRA ETAPA

DIÁLOGO COM OS PENSADORES: UM ESFORÇO DE COMPREENSÃO DA REALIDADE PROBLEMATIZADA

“Ensinar não é transmitir conhecimento e sim criar as possibilidades para a sua construção e produção”.

Paulo Freire

QUINTO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

Herança da tradição

INTRODUÇÃO

Reconhecemos que é incalculável as contribuições dos povos para a formação da consciência do homem contemporâneo. Os conhecimentos acumulados que moldaram as diversas sociedades e os avanços tecnológicos são importantíssimos, mas também não se pode esquecer das mazelas geradas pelos homens que colocam em risco a sobrevivência dos seres vivos em geral. Os adolescentes são herdeiros de uma tradição riquíssima, mas também herdeira de uma conta que dificilmente conseguirá colocar em dia, se não houver responsabilidade com a vida. “A responsabilidade diante do mundo se estabelece mediante a inexorável

correspondência entre pensar, agir e autoria da própria vida” (CRITELLI, 2006, p.74).

No mundo:

Tudo se passa como se nós nos encontrássemos hoje às portas do destino. Elas estão ainda abertas. Das duas uma: ou bem elas se fecharão pelo aniquilamento da humanidade, ou bem as transporemos encontrando o caminho da liberdade pela verdade, uma conversão interior permanente de cada um de nós. Duvidar desta possibilidade poderia nos desencorajar, pois, reduzida a si mesma, nossa inteligência imagina ver estas portas começando, desde já, a se fecharem. Mas enquanto ainda há tempo, podemos guardar a esperança em nossa capacidade de ação, esta ação ínfima mas insubstituível do indivíduo. Sim, tudo isto depende de nós. (JASPERS, 1989, p. 117)

Como foi analisado no primeiro encontro, a atividade do ser humano que se constitui em filosofia é o filosofar, compreendido como uma atividade de busca por respostas verdadeiras aos mais variados problemas surgidos da vida concreta. Os resultados dos esforços dos filósofos para compreender os problemas, em diferentes períodos históricos, compõem o saber teórico da tradição filosófica. Cada pensador viveu em circunstâncias históricas e com problemas específicos da sua época. Assim:

Se nos voltarmos para a história da filosofia inspirados pelo interesse pela filosofia atual, o horizonte que abarcamos será demasiado vasto [...] É da alçada do homem, como se vê, em todas as condições e circunstâncias, tanto do escravo como do senhor. Só no mundo em que nasceu e no destino dos homens que pensaram compreendemos as manifestações históricas da verdade. (JASPERS, 1998, p. 132)

O ensino da filosofia, portanto, só tem sentido se o filosofar for o resultado de uma investigação cuidadosa e rigorosa que transita entre a teoria e a prática, dialeticamente, como um mergulhar nas condições existenciais de toda a vida, pois “temos que procurar o pensamento filosófico e aquele que o pensou na sua real encarnação” (JASPERS, 1998, p. 132). É praticando que se aprende a filosofia.

Para o exercício do pensamento filosófico o aluno terá que participar ativamente da aula por meio da pesquisa, fundamentada na história da filosofia, com foco na busca da verdade e na elaboração de argumentos para as discussões entre os colegas da turma. A leitura dos textos filosóficos fornecerá o material de cunho cultural e crítico para ressignificar as relações sociais estabelecidas pelos alunos em diferentes períodos e momentos da sua vida, a fim de elucidar os conceitos problematizados e melhorar as habilidades de leitura e interpretação. O documento das Diretrizes Curriculares de Filosofia da rede pública de ensino do Paraná reforça a importância da história e dos textos filosóficos ao afirmar que:

É imprescindível recorrer a história da filosofia e aos textos clássicos dos filósofos, pois neles o estudante se defronta com o pensamento filosófico, com diferentes maneiras de enfrentar o problema e, com as possíveis soluções já elaboradas, as quais orientam e dão qualidade à discussão (PARANÁ, 2008, p. 60)

Nenhum conhecimento começa do zero, muitos problemas que permanecem já foram analisados, outros foram criados em um dado momento histórico, por isso, segundo Aristóteles: “extraímos certos pontos de vista de alguns deles e eles, por sua vez, estavam em débitos com outros” (ARISTÓTELES, 2006, p.77). Deve-se pensar o presente, olhar para o passado e se lançar para o futuro com novas perspectivas, a fim de melhorar as relações entre as pessoas e para com o mundo, uma vez que, “O conteúdo do presente se fundamenta na tradição interiorizada e adequada, e em que o futuro só se revela na continuidade com o passado” (HORN, 2001, p. 5).

A partir do interesse ou da necessidade do aluno de compreender uma questão temática, o professor deve possibilitar e mediar uma leitura racional da realidade problematizada, que aos poucos, no decorrer do processo de investigação, na história da filosofia, desvela o nexos, as implicações do saber no cotidiano e a consciência de que: “o patrimônio da razão autoconsciente que nos pertence não surgiu sem preparação, nem cresceu só no solo atual, mas é característica de tal patrimônio o ser herança [...] resultado do trabalho de todas as gerações precedentes do gênero humano” (HEGEL apud CARVALHO, 2001, p. 87). Neste contexto a problematização e a investigação se fundem num mesmo processo histórico e concreto do mundo da vida, pois pensar o passado fortalece a ação no presente, o que possibilita a transformação do futuro.

OBJETIVOS

- Pesquisar sobre o autor escolhido para compreender o problema detectado.
- Perceber que as ideias não surgem do nada, mas são constituídas a partir da análise de outras ideias e ressignificadas.
- Certificar-se de que cada problema tem sua origem em um contexto histórico específico.
- Analisar os registros das pesquisas realizadas e formular uma explicação para cada um deles, com a devida conexão com a realidade do estudante.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Apresentar o contexto histórico e social vivenciado pelos pensadores escolhidos pelos alunos para fundamentar a questão temática.

Os Estudos dos pensadores será apresentado dentro de um linha metodológica de acordo com o contexto histórico e social e o seu posicionamento filosófico. Apresentação deverá ser simples, objetiva e direta.

2ª) Pesquisa em sala de aula, com o uso dos recursos tecnológicos disponíveis como: celulares, tablete, laboratório de informática.

Esta parte da investigação deverá ser orientada pelo docente a partir das informações dos estudantes na justificativa da temática escolhida para a pesquisa e a motivação para formular o problema.

Orientar os estudantes para o registro das citações com os devidos comentários: a) O que o estudante entendeu do fragmento selecionado; b) Em que aspecto o texto ajuda a elucidar a realidade problematizada; c) Porque da escolha do fragmento.

3ª) Pesquisar aspectos ou conceitos selecionados nas citações para uma melhor interpretação e compreensão do problema em análise.

Cada aula deverá ter um roteiro de orientação de como proceder na investigação, conforme a necessidade de aprofundamento percebida pelo professor, no decorrer da pesquisa do aluno. O docente deverá ficar alerta para mediar a relação do aluno com o saber filosófico, de forma a criar as possibilidades para que, ao final dos estudos, os estudantes possam produzir ou formular a sua própria compreensão da temática escolhida.

RECURSOS

- Projetor multimídia ou Tv Pendrive
- Hipertexto a ser disponibilizado pelas TICs
- Celulares e tabletes
- Laboratório de informática

- Slides

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 4 horas

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. De Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2006.

CARVALHO, José Mauricio de. A missão da filosofia. Revista: *Ciências humanas*, Florianópolis: EDUFC, n. 29, p. 81-92, abr. 2001.

CRITELLI, Dulce. O ofício de pensar. In: Revista: *Hannah Arendt pensa a educação*. São Paulo: Segmento, nº. 04, 2006, p. 74-83

JASPERS, Karl. Ciência e verdade. Revista: *O que nos faz Pensar*, Rio de Janeiro: PUC, n. 1, p. 104-117, jun. 1989. Disponível em: http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao_carl_jaspers_ciencia_e_verdade/n1carl.pdf . Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. *Los grandes filósofos*. Los fundadores del filosofar: Platón, Agustín, Kant. Trad. de Pablo Simón. Madrid: editora Tecnos, 1995. v. 2.

_____. *Iniciação filosófica*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos. 9ª. ed. Lisboa: Guimarães editores, 1998.

_____. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 21ª. ed. São Paulo: Editora Pensamento/Cultrix, 2016

HORN, Hermann. Karl Jaspers (1883 – 1968). *Perspectivas: revista trimestral de educación comparada*. Paris: UNESCO – Oficina Internacional de Educación, 2001. Vol. XXIII, nº 3-4, p. 769-788. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/sites/default/files/jaspers.pdf>. Acesso em 24/11/2016

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Filosofia*. Curitiba, SEED/2008. Disponível no site: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf. Acessado em: 23/04/2016.

SEXTO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

Pensar por si mesmo como exercício da liberdade

INTRODUÇÃO

A atividade filosófica para o pensar autônomo precisa, no cenário da educação atual, se tornar uma constante prática reflexiva tornando-se parte da vida corriqueira do estudante como exercício da liberdade. Motivados por reflexões em grupos e orientadas pelo professor, o aluno será convidado a uma análise do repertório teórico sobre os temas levantados, de modo à expressar em um argumento coerente e razoável para compreender o problema. A prática educativa que se orienta na perspectiva da produção própria do conhecimento por meio da investigação, formará sujeitos ativos e responsáveis para o exercício da cidadania², assumindo para si o compromisso com o âmbito coletivo e social. Para Jaspers, conforme cita Hermann Horn,

A educação política dos jovens abarca diversas tarefas, entre as quais Jaspers enumera: a transmissão do saber cívico e do sentido da autoridade; a criação de exemplos e ideias; o exercitar-se na “práxis” de tarefas a resolver em comum; a prática da discussão e de suas formas subordinadas; o hábito de analisar e refletir sobre os tópicos.

² Na opinião de Jasper, segundo Horn, “é indiscutível que a democracia exige a educação do povo em seu conjunto. ‘De uma tal educação dependem a democracia, a liberdade e a razão. Só mediante essa educação é possível preservar o conteúdo histórico de nossa existência e consumir nossa vida, como força criadora, na nova situação do mundo’. Surpreendente a afirmação de Jasper de que ‘na ideia de democracia, a política mesma é educação’. Esta afirmação, contudo, só vale para um tipo de política que defina o seu rumo além da política” (HORN, 2001, p. 10).

Esta educação política pressupõe 'a permanente autoeducação do cuidado adulto em sua constituição democrática', que se desenvolve em conflitos com as interrogações atuais [...] em todo este processo, o principal é despertar a responsabilidade pessoal do indivíduo, e que se consegue mediante a autoeducação. (HORN, 2001, p. 10)

A construção de uma resposta deve ser realizada pelo próprio estudante no exercício filosófico do pensamento autônomo, inserido em um processo de autoeducação com efetiva participação nas discussões e debates. A autonomia é uma construção que requer do sujeito a capacidade racional para discernir e direcionar a sua própria vida. A ação do livre pensamento não se submete a nenhuma outra lei a não ser aquela estabelecida pela autodeterminação da razão. Expressar o que de fato o sujeito pensa, não é uma tarefa fácil, requer um certo esforço mental e vontade para revelar as próprias ideias. O medo de pronunciá-las é o mal que muitos adolescentes estão submetidos.

O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando a sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. Sapere aude! Ousa fazer uso do teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento. (KANT, 2009, p. 407).

A busca da verdade exercida pelo sujeito do entendimento, deve ser conquistada pelo esforço do pensamento autônomo em equilíbrio entre a liberdade de espírito e a liberdade civil. Este equilíbrio não significa que o indivíduo deve renunciar ao pensamento autônomo e crítico, mas buscar o espaço apropriado para a manifestação plena de sua liberdade. No texto *Ciência e verdade*, Jaspers afirma que: "Devemos ousar agir publicamente [...] a democracia é o único caminho da liberdade, da verdade e da paz, seu êxito está ligado a modos do pensamento e a símbolos que são acessíveis a todos. O que é acessível a todos, é o modo científico de pensar" (JASPERS, 1989, p. 116).

Somos seres da natureza que se desenvolve, autodetermina e se humaniza no exercício da liberdade pessoal em situações de conflito, ou não, com as leis morais impostas pela sociedade. Esse conflito é um problema que incomoda e força a pessoa à uma escolha. Para que a deliberação seja o resultado de uma consciência, a pessoa deve ter clareza do que significa liberdade civil e liberdade pessoal ou natural e agir em convivência com a liberdade moral. Rousseau no *Contrato social* faz a seguinte observação: "[...] é necessário distinguir a liberdade natural, limitada apenas pelas forças dos indivíduos, da liberdade civil, que é limitada pela vontade geral [...]".

(ROUSSEAU, 2009, p. 607). Ademais, é a liberdade moral, impulsionada pela razão: “a única que torna o homem verdadeiramente o senhor de si mesmo, pois o impulso do apetite é escravidão, e a obediência à lei que se prescreve a si mesma é liberdade”. (ROUSSEAU, 2009, p. 607).

Os estudantes deverão assumir o compromisso consigo mesmo, com o outro e com o mundo ao seu redor, dispendo-se, com determinação, a autenticidade e a sinceridade, a pensar e organizar suas próprias ideias por escrito. A falta de hábito de estudo e de leitura manifestas pelos estudantes, dificultam a apropriação compreensiva do conhecimento. Para superar esse problema, os alunos terão que se esforçar para ultrapassar as barreiras do comodismo mental e vencer as dificuldades para o estudo, principalmente quando requer esforço de interpretação. "O homem não se encontra a si mesmo como racional, mas por assim dizer, se converte em racional, a partir da existência concreta que lhe é dada. Atinge o caminho da razão pela sua própria liberdade, e não automaticamente". (JASPERS, 1958, p. 58-59). É o estudante que tem que decidir mudar o seu “modo de pensar” e desenvolver a disciplina intelectual.

OBJETIVOS

- Definir o conceito de liberdade moral.
- Refletir o conceito de esclarecimento e a estrutura do texto formulado por Kant.
- Exercitar a análise estrutural do texto para localizar o problema, a tese e como o pensador demonstra a sua ideia.
- Elaborar o argumento em resposta ao problema que suscitou a necessidade de investigação dos estudantes, conforme as investigações feitas nas aulas anteriores e em casa.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Análise do conceito de autonomia, liberdade pública e privada em Kant. Conforme o texto “Resposta à questão: o que é esclarecimento?” *Antologia de textos filosóficos*, (p. 406-415).

Análise, pelo professor, da estrutura do texto sobre o esclarecimento para identificar o problema, a tese, a estrutura do argumento do pensador.

2ª) Distinção conceitual sobre liberdade individual, liberdade civil e liberdade moral em Rousseau.

Leitura em grupos para a indicação das situações corriqueiras que revelam os conflitos morais vivenciados pelo estudantes, conforme os textos abaixo.

1. Texto: Kant, Immanuel. *Resposta à questão: o que é esclarecimento?* *Antologia de textos filosóficos*, (p. 406-415).

2. Texto: Rousseau, Jean-Jacques. *Do contrato social*. (Livro I). *Antologia de textos filosóficos*, (p. 600-607).

3. Texto: Gramsci, Antonio. *A indiferença*. *Antologia de textos filosóficos*, (p. 268-269).

3ª) Análise e indicação, pelo estudante, do problema e a tese apresentada nos textos de Rousseau e Gramsci. Essa ação visa identificar como o pensador problematizou e demonstrou a sua tese.

4ª) Elaboração do argumento próprio em resposta à questão temática que motivou a necessidade de investigação. O aluno pode ter por modelo um dos textos acima apresentados para elaborar o seu próprio texto ou construir um redação com uma estrutura própria.

RECURSOS

- Projetor multimídia ou Tv Pendrive
- Textos xerocopiados
- Hipertexto a ser disponibilizado pelas tecnologias de informação e comunicação - TICs
- Slides

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 6 horas

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Edson Bini. Bauru, S.P: Edipro, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GRAMSCI, Antonio. A indiferença. Trad. de Anita Helena Schlesener. In: *Antologia de textos filosóficos*. Org. Jairo Marçal. Curitiba: SEED - Pr., 2009, p. 268-269.

HORN, Hermann. Karl Jaspers (1883 – 1968). *Perspectivas: revista trimestral de educación comparada*. Paris: UNESCO – Oficina Internacional de Educación, 2001. Vol. XXIII, nº 3-4, p. 769-788. Disponível em:

<http://www.ibe.unesco.org/sites/default/files/jaspers.pdf>. Acesso em 24/11/2016

JASPERS, Karl. *Razão e anti-razão em nosso tempo*. Trad. de Alvaro Vieira Pinto. Rio de Janeiro: MEC – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1958.

_____. Ciência e verdade. Trad. de Antônio Abranches. Revista: *O que nos faz Pensar*, Rio de Janeiro: PUC, n. 1, p. 104-117, jun. 1989. Disponível em:

http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao_carl_jaspers_ciencia_e_verdade/n1carl.pdf . Acesso em: 10 jul. 2015.

KANT, Immanuel. Resposta à questão: o que é esclarecimento? In: *Antologia de textos filosóficos*. Org. Jairo Marçal. Curitiba: SEED - Pr., 2009, p. 600-607.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social. In: *Antologia de textos filosóficos*. Org. Jairo Marçal. Curitiba: SEED - Pr., 2009, p. 600-607.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Filosofia*. Curitiba, SEED/2008. Disponível no site:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf.

Acessado em: 23/04/2016

QUARTA ETAPA

NA SOCIALIZAÇÃO RESPLANDECE O PODER DA COMUNICAÇÃO DO PRÓPRIO PENSAMENTO

“O mundo só sobreviverá se as novas gerações lhes trouxerem suas novas experiências”.

Hannah Arendt

SÉTIMO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

Unificação de um problema por meio da comunicação intersubjetiva

INTRODUÇÃO

Unificação de um problema se refere à análise, em grupos de discussões, das respostas elaboradas pelos estudantes para as questões investigadas. A discussão visa a produção de uma síntese argumentativa das várias opiniões sobre problemas semelhantes ou que se completam, e para ampliar o entendimento da problematização pessoal e do seu entorno. Pois o sentido do argumento ou do enunciado só é compreendido por todos dentro do contexto histórico, social e cultural em que uma ideia é pensada. Não existe opinião neutra e nem situações problemáticas deslocadas da realidade, mas resultam de uma síntese entre condições

concretas, pessoais, cognitivas, sociais, políticas e epistemológicas. Neste processo de busca de entendimento,

Os que agem de maneira comunicativa movimentam-se no *medium* de uma linguagem natural e fazem uso de interpretações legadas pela tradição, ao mesmo tempo que se referem a alguma coisa no mundo objetivo único, em seu mundo social partilhado, e no seu respectivo mundo subjetivo. (HABERMAS, 2012, p. 674)

O consenso ou o entendimento mútuo entre os sujeitos do grupo de discussão acontece mediante o processo racional de argumentação que é “responsável pela expressão das diferentes formas de compreender o mundo e fundamentar, de modo descentralizado, nossas ações e sentidos humanamente válidos”. (ZITKOSKI, 2000, p. 289). Os sujeitos ao interagirem comunicativamente expressam suas intenções e levantam as pretensões de validade do discurso. O acordo é alcançado quando um argumento demonstra sua força de convencimento, sendo aceito por todos os participantes do grupo de discussão.

A ação comunicativa entre os estudantes deverá acontecer durante as “Interações nas quais as pessoas envolvidas se põem de acordo para coordenar seus planos de ação, o acordo é alcançado em cada caso, medindo-se pelo reconhecimento intersubjetivo das pretensões de validade”. (HABERMAS, 1989, p. 79). Tais pretensões podem ser de verdade, de correção ou de sinceridade, correspondendo respectivamente à realidade exterior ou mundo objetivo e social e a realidade interior ou mundo subjetivo.

Ao fazer a leitura da educação escolar a partir do agir comunicativo, proposto por Habermas, pode-se dizer que os estudantes se reúnem em grupos para buscarem o entendimento mútuo necessário sobre os problemas detectados, esclarecendo, por meio de argumentos, as diversas opiniões divergentes manifestas no grupo de discussão, até chegarem a um acordo válido para todos. O agir dialógico, da pedagogia de Paulo Freire, viabiliza nesse processo o uso da palavra, enquanto emoção, ação e reflexão, pois: “A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (FREIRE, 1996, p. 52), para que no entendimento intersubjetivo, possam ressignificar a prática docente e discente e agir sobre ele para transformá-la criticamente.

[...] assim, no ato educativo, não basta a tomada de consciência e a crítica individual, mas sim, a promoção de uma consciência que se articula com os diversos discursos, com as diversas culturas, que busca uma responsabilidade conjunta, além das consciências

individuais. É uma consciência que se torna intersubjetiva. (PRESTES, 1996, p. 116).

Pensar o mundo vivido é, necessariamente, pensar na interação com os demais sujeitos. O ser humano não vive de forma independente, não é determinado, e nem totalmente pronto, plenamente acabado. Constantemente o requisitam para resolver os problemas estabelecidos pela convivência humana e pelo agir do homem sobre o mundo. A dificuldade de um se torna de todos, na ordem histórico-social, político e cultural. Enfim: “não é o sujeito que fundamenta o seu pensar, mas a presença dos outros. Não há um ‘penso’, mas um pensamos que estabelece o ‘penso’ e não o contrário.” (ZITKOSKI, 2000. p. 204).

A produção intercomunicativa possibilita a saída do sujeito das limitações que o impendem ser o autor do seu próprio conhecimento, uma vez que: “Se o seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação” (FREIRE, 2005, p. 80). O processo dialógico visa compreender e apreender as causas geradoras do problema em análise.

OBJETIVOS

- Expressar as ideias próprias, formuladas a partir da pesquisa, e defendê-las em público.
- Perceber que somos seres humanos suscetíveis aos erros e às correções frequentes do nosso pensamento.
- Construir um texto colaborativo entre os membros do grupo de investigação.
- Criar uma representação – fotografia, charge, música, poesia, história em quadrinhos e outros - do texto formulado pelo grupo.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Revisão, pelo aluno, do texto elaborado na aula anterior conforme as orientações por escrito do docente.

De acordo com minhas observações, muitos alunos manifestam contrariedade para refazer os seus textos, pensam que a atividade foi realizada e será revista

somente se precisarem de uma nota maior. Nesse sentido, o processo de aprendizagem para uma formação humana, social, política e epistemológica se perde. É importante que o estudante entenda que uma atividade de formulação da compreensão própria de uma certa realidade, nunca pode se dar por pronta e acabada como é o habitual.

2º) Analisar os textos que foram reformulados, em grupos de 4 alunos. A partir da opinião de cada um sobre problemas idênticos, semelhantes ou que se complementam e formular uma nova compreensão da realidade concreta.

3ª) Criar uma forma de apresentação desse texto para a turma. É o aluno quem deve escolher o tipo de linguagem ou a forma que eles querem se expressar, o que pode ser: artística, poética/literária, histórica, filosófica, etc.

RECURSOS

- Textos
- Projetor de imagem ou Tv pendrive
- Papel e canetas
- Celulares

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 3 horas

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Educação como Prática da Liberdade*. 23ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Trad. de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, v. 1.

PRESTES, N. H. *Educação e racionalidade: Conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 116

ZITKOSKI, J. J. *Horizontes da (Re) fundamentação em educação popular*. Frederico Westphalen-RS: Editora Uri, 2000.

OITAVO ENCONTRO

Disciplina/Área PDE: Filosofia

IES: Universidade Estadual de Londrina

NRE: Londrina

Colégio de implementação: Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Professora PDE: Silvana Alves Barroso

Orientador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

Ano de aplicação: 2017

Título: Filosofia e problematização do cotidiano: limites e possibilidades com o aluno do ensino médio

TEMA

Comunicação da investigação do cotidiano próprio do adolescente

INTRODUÇÃO

O auge da investigação filosófica está na socialização das ideias formuladas durante o exercício filosófico e o processo de investigação temática para a comunidade escolar. A comunicação com o grupo precisa estar respaldada na autenticidade da fala e do pensamento, uma ação que mobiliza o ser humano a olhar para si mesmo, para o outro e para o mundo. Segundo Paulo Freire: “não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros nem sem os outros” (FREIRE, 2005, p.117), pois o conhecimento se constroi na coletividade, após o esforço individual de compreensão da questão temática.

A fala do pedagogo Paulo Freire resume uma exigência que torna o pensamento filosófico fundamental que é a comunhão com o Outro, com o Eu, com o Mundo, ações humanizadoras que se realizam quando os sujeitos participam da realidade e aderem a um grupo de comunicação. Pois é no encontro com o outro que é possível conhecer a verdade da realidade que nos rodeia, ou seja, só é possível conhecer a verdade das coisas através da comunicação com as demais pessoas do seu entorno, sendo a missão da filosofia, como disse Jaspers, “chegar pelo caminho da unidade à comunicação” (JASPERS apud PORTUONDO, 2012, p. 120), e também

ao conhecimento racional da verdade capaz de reconciliar os seres humanos motivando novas investigações.

A razão e a vontade de comunicação ilimitada são uma só e mesma coisa. A razão, porque, inteiramente aberta, dirigida ao Um, em todo existente, impede que se interrompa a comunicação. Se a ruptura é forçada na existência concreta, a razão nunca a reconhece como necessária em princípio. Com uma confiança inabalável nas incalculáveis possibilidades que derivam da totalidade do ser, a razão exige sempre que a comunicação seja tentada novamente. Negá-la é, para ela, como a negação da própria razão. Porém, ainda mais: para a razão, na existência concreta temporal, a verdade esta ligada a comunicação. Uma verdade sem comunicação é para ela idêntica à não-verdade. A verdade que se liga à comunicação não está concluída, escuta a sua ressonância na comunicação e se examina a si mesma e ao outro. Diferencia-se de todo pronunciamento unilateral. Não sou eu quem traz a verdade, mas procuro a verdade em comum com a pessoa com quem me encontro, ouvindo, perguntando, investigando. [...] a verdade existe como verdade que vem a ser na comunicação (JASPERS, 1958, p. 52).

A interação comunicativa faz com que os indivíduos comuniquem a humanidade que há em cada um. Isto reforça e possibilita o encontro consciente com o mundo e a percepção de que “Eu, porém, apenas sou alguém com o outro, sozinho nada sou”. (JASPERS, 1998, p.31). É nessa relação intersubjetiva de colaboração mútua que o homem se torna sujeito do conhecimento. Por isso, é fundamental conceder abertura e voz para todos os envolvidos na educação, principalmente para os estudantes que devem ser os protagonistas do seu próprio conhecimento em colaboração mútua com a comunidade na qual participa.

OBJETIVOS

- Apresentar o texto colaborativo do grupo de discussão à turma.
- Organizar os materiais e elaborar o jornal virtual.
- Socializar os resultados da investigação na promoção de um pensamento próprio.
- Aprender que as críticas é um fator positivo para o crescimento do ser humano.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

1ª) Plenária para apresentação das conclusões dos grupos na turma. Cada grupo terá 5 min. para apresentar as conclusões para os seus colegas. O professor deve indicar

um aluno para cronometrar o tempo. A ideia é que o aluno exerça a sua capacidade de síntese para expor a mensagem do grupo de forma objetiva e direta.

2ª) Elaborar e organizar o conteúdo do jornal virtual. Todo o trabalho realizado deverá ser cuidadosamente arquivado sob a responsabilidade do grupo de diagramação; eles é que irão selecionar o material para o jornal escolhido pela turma.

Enquanto o grupo da diagramação prepara o jornal, os demais grupos preparam os slides para a comunicação do seu trabalho e outros textos para o jornal.

3ª) Comunicação da investigação temática para a comunidade, preferencialmente a família e aqueles que direta ou indiretamente colaboraram com os estudantes, na forma de seminário e lançamento do jornal virtual.

4ª) Dialogar com os pais e outros participantes sobre o lançamento do jornal. Nesse momento os participantes da comunicação irão fazer a avaliação do trabalho realizado – jornal e a comunicação -, e a pertinência dos problemas abordados.

RECURSOS

- Projetor de imagens ou Tv pendrive
- Slides
- Computadores, celulares ou tablets
- Laboratório de informática

DURAÇÃO

- Tempo estimado: 4 horas

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23ª. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

JASPERS, Karl. *Razão e anti-razão em nosso tempo*. Trad. de Alvaro Vieira Pinto. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Escola Técnica Nacional – MEC, 1958.

_____. *Los grandes filósofos. Los fundadores del filosofar: Platón, Agustín, Kant*. Trad. de Pablo Simón. Madrid: editora Tecnos, 1995. v. 2.

_____. *Iniciação filosófica*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos. 9ª. ed. Lisboa: Guimarães editores, 1998.

_____. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 21ª. ed. São Paulo: Editora Pensamento/Cultrix, 2016

PORTUONDO, L. Gladys. Karl Jaspers y la filosofía de la comunicación. En: DIKAIOSYNE Nº 27 Revista anual de filosofía práctica Universidad de Los Andes, Mérida – Venezuela. Enero-diciembre 2012, p. 107 – 122.